

FÁVERI, José Ernesto de.
Filosofia da Educação:
O ensino da filosofia na perspectiva freireana.
Petrópolis: Vozes, 2006

José Ernesto de Fáveri**

Subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sócio-cultural é, ao mesmo tempo, um erro científico e a expressão inequívoca da presença de uma ideologia elitista. Talvez seja mesmo o fundo ideológico escondido, oculto, opacizando a realidade objetiva, de um lado, e fazendo, do outro, míopes os negadores do saber popular, que os induz ao erro científico. Em última análise, é essa "miopia" que, constituindo-se em obstáculo ideológico, provoca o erro epistemológico" (FREIRE, 1992: 85).

A filosofia aplicada à educação é muito falada e pouco vivida, principalmente no processo de formação dos profissionais da educação. Com base num itinerário de pesquisa-ensino na concepção freireana de educação libertadora, esta obra define-se por dois eixos centrais: o primeiro trata de uma abordagem teórico-prática da organização coletiva do programa de ensino; o segundo, um abundante relato das atividades práticas referentes à abordagem do programa de Filosofia da Educação. Os dois eixos centrais são intercomplementares porque buscam superar a dicotomia entre conteúdo e forma pela a prática dialógica na condução do processo do filosofar e na produção individual e coletiva do conhecimento. Ensinar filosofia significa estimular o que vive e viver o que pensa num mesmo processo existencial. O encontro com a filosofia é um encontro consigo mesmo

enquanto "fio condutor" do pensar e agir com o mínimo de coerência, despertando no eu a possibilidade de pensar usando o lado pessoal para construir um sentido comum à existência. Pensar catalisa os sujeitos desse ato a exercitar um múltiplo olhar sobre si, com o outro e em torno do mundo em que se realiza a fantástica experiência da existência de cada um. Processar estes olhares em forma de idéias, colhendo racionalmente das experiências humanas a possibilidade de aprender a pensar com a própria cabeça a condição pessoal e material de sua existência, produz a superação do nível ingênuo para o crítico da consciência individual e como consequência eleva o nível médio de consciência social rumo à humanização. Se ensinar filosofia é filosofar, então, o encontro entre dois sujeitos movidos pela vontade de pensar através do diálogo, realizam num mesmo processo pedagógico a dialética entre ensinar

** O autor é natural de Cocal do Sul (SC). Formado em Filosofia e Pedagogia, com especialização Orientação educacional, Mestrado em Educação: Ensino superior e, atualmente doutorando na área de Fundamentos da Educação. Trabalha como docente e pesquisador na UNIDAVI (Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí), além de atuar nas diversas áreas da graduação e pós-graduação como orientador e coordenador de pesquisas em educação. No prelo prefaciado por mim, o manuscrito inédito de Álvaro Vieira Pinto, com o título: **A sociologia dos países subdesenvolvidos**. Em breve: **Álvaro Vieira Pinto: Trajetória, filosofia e educação libertadora** E-mail: j.ef@terra.com.br.

aprendendo e aprender ensinando. Essas duas categorias didático-pedagógicas do ensino de filosofia liga e religa o pensar individual ao coletivo e, as idéias às ações pela reversibilidade na comunicação, melhorando progressivamente o conteúdo e a forma do pensar entre os sujeitos envolvidos. Portanto, o ensino de filosofia vivenciado na perspectiva freireana constrói, tanto no docente quanto no discente, um autêntico filosofar, que é aquele que vive o máximo da sua intelectualidade do lugar e nas condições em que ambos se encontram naquele momento de sua existência, gerando uma visão de totalidade para si do mundo, no qual busca interagir para transformá-lo e viver uma vida decente. Ser humano a filosofar, ou seja, pensar o

Nossa intenção, na época, em que se realizou a pesquisa, era vivenciar o itinerário de pesquisa-ensino na concepção de Paulo Freire, fazendo uma radical ruptura com o instituído que se assentava na ementa, no programa e nos procedimentos convencionais e burocráticos do ensino. Eu entendia, então, as práticas universitárias como burocráticas e autoritárias que emperravam um processo transformador na elaboração e abordagem coletiva de um programa de ensino, para implantar e implementar mudanças no ensino para pensar de outra forma que não seja o falar sobre; nem tão pouco, repetir fragmentadamente o conhecimento no ensino de Filosofia. Neste sentido, repensar a visão em torno do instituído é condição necessária para abrir espaços a fim de viver um pensar instituinte na universidade pelo ensino da Filosofia.

A escolha do tema se deve, principalmente, à minha vontade interior de mudar a prática, enquanto professor de Filosofia da Educação. A partir da escolha do tema, debruçamo-nos na leitura da bibliografia pertinente ao assunto. Entre as obras de Paulo Freire lidas destacamos: "Educação como Prática da Liberdade" e a "Pedagogia do Oprimido". Estudamos, ainda, dois filósofos brasileiros, por entender que ambos, pela convivência no exílio com Paulo Freire e seus frequentes encontros, exerceram influência determinante na organização do seu pensamento pedagógico. Passamos posteriormente a ler e estudar alguns textos do filósofo **Ernani Maria Fiori**, reunidos na obra, "Educação e Política". Estudamos também obras do filósofo **Álvaro Vieira Pinto**: "Ciência e Existência" e as "Sete Lições Sobre Educação de Adultos". Essas leituras permitiram-nos uma visão global de base epistemológica do tema do qual resul-

tou, a pesquisa e hoje numa obra inédita, aprovado por Paulo Freire ainda em vida, pela Editora Vozes. Foi dentro desta perspectiva e trajetória que nos propusemos a estudar, pesquisar e vivenciar o itinerário de pesquisa-ensino de Paulo Freire. Entendemos que a concepção de ciência e a de conhecimento em Paulo Freire têm sentido, se buscado e rebuscado no pensamento dos dois filósofos acima citados.

À medida que líamos o referencial, buscávamos fazer anotações das idéias pertinentes ao assunto: era o processo de organização de um fichário, constando as idéias básicas que orientariam a prática. Com essas leituras e estudos, progressivamente, ampliávamos a compreensão anterior do tema e cada vez mais aumentava a vontade de experimentar, na prática, uma nova forma de ser professor de Filosofia da Educação na perspectiva freireana.

A partir das discussões realizadas em torno das leituras conseguimos escrever os primeiros textos: "Uma Abordagem teórico-prática dos Elementos Constitutivos da Concepção Libertadora da Educação" e "A Dialética do conteúdo e da forma no itinerário da educação problematizadora em Paulo Freire". Outros textos de menor peso no contexto do estudo foram escritos.

Desse momento em diante, o projeto exigiu de mim uma atitude concreta de mergulhar definitivamente na prática para vivenciar as teorizações. Foi nesse instante que o projeto abandonou a dimensão utópica e puramente metafísica, para assumir um caráter pessoal de acordo com contexto em que "os pés" do professor e dos alunos, pisavam.

Esta obra quer estimular o debate em torno da prática docente deste pesquisador para superar o formalismo na organização e abordagem do programa de ensino, assim como, refletir qual a contribuição que a educação libertadora tem a oferecer nesta forma de trabalhar em sala de aula.

O estudo teórico e a prática pedagógica do filosofar, perpassou por cinco pontos centrais do itinerário de pesquisa-ensino de Paulo Freire: A investigação temática, codificação e decodificação, identificação dos temas geradores, redução temática e a abordagem do programa de ensino. Para cada um desses pontos apresentaremos uma breve noção de cada uma das etapas, contudo ao longo da obra está abundantemente explicitado o que, qual o objetivo e como foi desenvolvida, cada uma das etapas do itinerário.

A Investigação temática é entendida como levantamento dos temas significativos a partir da realidade pessoal, profissional e social vivida no cotidiano dos participantes da experiência.

Em seguida, passamos a vivenciar o processo de **codificação e decodificação**. Esses dois procedimentos metodológicos estão intimamente relacionados na prática.

A codificação significa a representação das situações existenciais em outro código. As situações existenciais, funcionam nesta etapa como fator motivador e desafiador para a prática do diálogo vinculado ao seu existir concreto venha acontecer de forma mais dinâmica e com interesse profundamente pessoal. Pequenas histórias, cartazes, filmes e teatros de curta duração são exemplos de codificação que podem ser usados numa prática dessa natureza.

A decodificação é a prática do diálogo para buscar as razões que passam a explicar criticamente “as situações existenciais limites do grupo”, proporcionando a este condições de melhorar o seu nível de compreensão e de consciência, a respeito do cotidiano. Deve ser entendida, também, como exigência metodológica para a identificação coerente dos temas geradores. Para decodificar o grupo foram necessárias quatro situações existenciais e quarenta horas/aula, abundantemente relatadas na obra.

A decodificação é a leitura e releitura interpretativa, ampliada da realidade existencial do grupo que implica numa análise crítica da situação codificada com participação ativa do professor e dos alunos através do diálogo decodificador. Com a participação direta dos alunos na análise, começam a perceber as contradições entre uma situação e outra. Progressivamente, o grupo foi construindo relações entre o contexto local e o contexto social mais abrangente. Daí que os alunos conseguiram estabelecer relações entre situações pessoais, para entender a situação social, econômica, educacional, em que estavam imersos.

A partir dos diálogos decodificadores, processamos a **identificação e extração dos temas geradores**. É uma etapa delicada do processo porque não há uma fórmula exata, nem tão pouco, uma metodologia precisa para tal fim. Por isso, o risco da interferência subjetiva do professor é muito grande quando realiza sozinho esta atividade. Surge a necessidade de se compor uma equipe para realizar essa tarefa. Neste etapa, a obra registra um grave equívoco

do professor, autor da pesquisa, envolvendo este tipo de risco, que o obrigou a uma séria análise autocrítica da sua prática pedagógica na identificação dos temas geradores.

Entende-se por tema gerador: as palavras, expressões ou frases que concentram e densificam um conjunto de elementos concretos do saber existencial do grupo, constituindo-se em amplos objetos de conhecimento de uma ou mais áreas. Dessa forma, quando se aborda o programa, vincula-se o pensar e o viver num só processo de filosofar. O programa não é mais da autoria e propriedade exclusiva do professor, mas é obra construída do grupo porque os alunos elegeram, dialogicamente, os objetos de conhecimento pertinentes a área de conhecimento e àquele momento da sua história.

A penúltima etapa do itinerário rumo à construção coletiva do programa de ensino em Filosofia da Educação trata da **redução temática**. Significa o desdobramento do tema gerador num conjunto de temáticas que estabelecem uma relação reversível entre as dimensões globais do tema e as dimensões parciais e contextuais de uma área específica de conhecimento que explicitam as situações existenciais a serem superadas.

Finalmente, o itinerário encerra-se na **abordagem do programa**. Implica a produção e socialização das idéias através da vivência mais intensa da prática dialógica, ligando a ciência ao tema gerador para que o ensino e a aprendizagem em Filosofia da Educação oportunize a cada aluno compreender criticamente o seu cotidiano para transformá-lo, num mesmo processo de construção do conhecimento filosófico mais amplo. Tanto a compreensão da realidade como a ação transformadora dos alunos é orientada pelo estudo do conteúdo indicado no programa de pesquisa-ensino, construído, coletivamente, para gerar um conhecimento vinculado à realidade concreta. É na abordagem do conteúdo de ensino que a ciência presta uma grande contribuição enquanto instrumento que ajuda os alunos a se compreenderem e, ao mesmo tempo, compreender o seu mundo vivido. Assim sendo, o conteúdo previsto no programa é desenvolvido de forma dialógica e problematizadora. A pergunta terá sempre um espaço privilegiado nessa prática docente problematizadora, no sentido de que o aluno, ao buscar e construir a resposta, simultaneamente construa idéias para si com a reversibilidade na comunicação entre os alunos e, desses, com o professor. Ambos, professor e alunos, comuni-

cando-se dialogicamente no ato de ensinar e aprender, estarão superando “as situações limites”, no mesmo processo que apreende a ciência não pelo forma mecânica de transferir conhecimento, mas pelo processo dinâmico do filosofar engajado.

Finalmente, o fim não existe. O que pode existir por parte do autor desta obras é colocar-se numa atitude dialética de pensar e repensar a prática e desta maneira penetrar num processo dialético permanente para dinamicamente construir e reconstruir a prática pedagógica do filosofar. Isto é, a experiência na construção e abordagem coletiva do programa de ensino em Filosofia da Educação foi uma rica experiência do filosofar que sai da formalidade para entrar na história das minhas práticas pedagógicas no ensino da graduação. Sempre que me reporto a elas, por mais que eu me esforce para sistematizá-la na forma de “discurso- filosófico-interpretativo”, não consigo precisar “em palavras, as coisas que vivenciamos”. Ou seja, toda a experiência vivida intensamente na prática supera qualquer discurso, por mais bem elaborado ou por mais bem intencionado que esteja seu autor. A exaltação da prática que faço nesta obra é para desmascarar/desnudar o discurso pelo fazer que requer no mesmo processo do ensinar e do aprender, uma ação reversível, entre os sujeitos, professor e os alunos, envolvidos na experiência de pensar o que se vive, e, viver o que se pensa, como categoria do filosofar freireano e fio condutor de uma atitude ética de coerência entre o dito e feito nas práticas cotidianas do filosofar.

Referências

1. FIORI, Ernani Maria. . **Educação e política**. Porto Alegre: L&PM, 1991 - (Textos Escolhidos: v. 2).
2. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992
3. _____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
4. _____. **Educação como Prática da Liberdade**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1980
5. PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e Existência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
6. _____. **Sete lições sobre educação de adultos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

ORIENTAÇÕES PARA OS COLABORADORES

LINHA EDITORIAL –

Práxis Educativa publica textos inéditos que resultem de pesquisas ou ensaios com reflexões originais, bem como resenhas bibliográficas, sobretudo que desenvolvam interlocuções entre os mais variados campos da ciência e do conhecimento aplicado com a área de Educação e conexas. O nome da revista reflete a preocupação com uma perspectiva em que a teoria e a prática estejam integradas na tessitura da ação educacional, entendida não como prática banal ou reprodutiva, mas como atividade criativa e transformadora em que teoria e ação constituem um único movimento, o que se expressa no nome “práxis”.

NORMATIZAÇÃO –

- A Revista Práxis Educativa é aberta a professores e pesquisadores de Educação e áreas conexas integrantes ou não do SECIHLA.

- Os materiais para publicação deverão obedecer aos seguintes requisitos:

a. Ser inéditos no Brasil.

b. Ter extensão entre 10 e 30 páginas com espaço 1, margens inferior e superior de 1,8 cm, direita de 1,5 cm e esquerda de 2,5 cm e folha formato A4. As resenhas deverão ter entre 5 e 15 páginas, com a mesma formatação, restritas a livros publicados nos últimos 5 anos.

c. Ser redigidos preferencialmente em língua portuguesa; a revista publicará também textos em francês, inglês e espanhol, e nesse caso deverão ser acompanhados de um resumo em português.

d. Trazer título que corresponda com clareza à idéia geral do trabalho.

e. Apresentar um resumo de no máximo 250 (duzentas e cinquenta) palavras e um abstract em inglês com igual teor, contendo informações sobre os objetivos, procedimentos metodológicos, referenciais teóricos e resultados produzidos e/ou esperados; no caso de ensaios em que não se apliquem parte dessas informações, deverão ser apresentadas informações similares.

f. Apresentar no mínimo 3 (três) e no máximo 5 (cinco) palavras-chaves em português e inglês.

g. Trazer, quando for material elaborado sob orientação, o nome e titulação do professor orientador.

h. Caso a pesquisa tenha apoio financeiro de alguma instituição esta deverá ser mencionada.

i. O autor deverá identificar-se indicando sua vinculação institucional, titulação acadêmica, cargo que ocupa, áreas de interesse e publicações mais importantes.

j. As traduções deverão vir acompanhadas da autorização do autor e do original.

k. Os trabalhos deverão ser encaminhados em dois arquivos compatíveis com o padrão MS Word para Windows, sendo um deles com indicação de autoria e outro sem referências que possam indicar a autoria.

l. As tabelas, gráficos, fotografias e demais imagens serão impressas em preto e branco, e portanto devem ser encaminhadas nessa configuração. Em todos os casos, deve haver referência aos créditos ou fontes das mesmas.

l. As notas bibliográficas deverão seguir o padrão (AUTOR, ano, página). Os comentários explicativos deverão ser colocados em nota final. As referências bibliográficas deverão seguir as normas da ABNT, com o título do trabalho (ou da coletânea, em caso de capítulo de coletânea, ou da revista, em caso de artigo) em *itálico*.

- Os autores cujos materiais forem aprovados para publicação receberão 1 exemplar da revista onde o material foi publicado.

- Os originais não publicados não serão devolvidos.

- Todos os artigos apresentados à Revista Práxis Educativa serão submetidos à apreciação do Conselho Consultivo.

- Em caso de necessidade, a Editoria poderá enviar artigos específicos para parecerista *ad hoc*, não integrante de seus conselhos, observando-se a titulação mínima de Doutor e especialidade na área do artigo em questão.

- Será garantido o anonimato de autores e pareceristas no processo de avaliação dos artigos.

- Cabe à Editoria a decisão referente à oportunidade da publicação dos trabalhos recebidos.

Os trabalhos, conforme as orientações acima, devem ser enviados em arquivos anexos para praxiseducativa@uepg.br